

# MY SOCIAL BOOK: INSTRUMENTO SOCIAL E VIRTUAL DE COLETA DE DADOS PARA PESQUISAS EM DANÇA

## MY SOCIAL BOOK: SOCIAL AND VIRTUAL NETWORK AS AN INSTRUMENT FOR DATA GATHERING IN DANCE RESEARCH

Diego Pizarro (IFB); Ana Carolina de Albuquerque Costa (IFB) – diego.pizarro@ifb.edu.br; nininhaalbuquerque@gmail.com

**Resumo:** *My Social Book* é um serviço pago do Facebook que permite que o usuário edite um livro com o conteúdo de páginas dessa rede social. O objetivo geral da pesquisa consiste em investigar o potencial dessa ferramenta como instrumento de coleta e compilação de dados para processos de pesquisa em dança. Os procedimentos metodológicos utilizados agruparam abordagens qualitativas e quantitativas. Foram levantadas e analisadas todas as postagens publicadas na página de um grupo de pesquisa durante dois anos, de 2012 a 2014, e sua devida organização por categorias. Entre os resultados obtidos, destacam-se a sua funcionalidade e a necessidade de interagir de forma sinérgica entre a publicação impressa e a virtual, para a referida coleta de dados.

**Palavras-chave:** redes sociais, tecnologia, procedimentos metodológicos, dança, Facebook.

**Abstract:** My Social Book is a Facebook service under payment that allows users to edit a book containing selected information from its groups and pages. As a general purpose of this paper we considered to investigate this tool as an instrument to collect and compile data for dance research. Methodological procedures used gathered qualitative and quantitative approaches. All information posted in a specific research group for two years, from 2012 to 2014, were raised, analyzed and categorized. Among the results achieved, we highlight the tool's functionality and the necessity to interact synergistically with the printed version and the virtual one for compile data.

**Keywords:** social networking, technology, methodological procedures, dance, Facebook.



## INTRODUÇÃO

Com o surgimento de novas tecnologias para os processos educacionais, os ambientes virtuais de aprendizagem surgem para ampliar e facilitar os modos de ensinar e aprender, possibilitando uma autonomia e facilitando o acesso ao conhecimento.

O surgimento dos ambientes virtuais de aprendizagem, como o *moodle*, por exemplo, vem transformando o conceito e ampliando o público da crescente e frutífera Educação a Distância. Contudo, nem sempre a utilização dos ambientes virtuais de aprendizagem encontra os mesmos caminhos tranquilos e concretos quando o objetivo de sua utilização centra-se na Educação Presencial. Na

Educação a Distância, o ambiente virtual é a própria sala de aula, enquanto na Educação Presencial o ambiente virtual é apenas um suporte para o processo de ensino-aprendizagem.

O ambiente das plataformas virtuais voltadas especificamente para o ensino no âmbito da Educação Presencial não são utilizados efetivamente pelos estudantes para o compartilhamento e a troca de informações. Em geral, não há o aproveitamento dessas novas tecnologias a seu favor, seja por insistir nos modos tradicionais de ensino, seja por resistência dos próprios estudantes em interagir com as interfaces fora do período já destinado à sua presença em sala de aula. Nesse contexto, os ambientes virtuais apresentam grande efetividade quase que exclusivamente no acesso a referências

bibliográficas, imagéticas e material didático. Ao verificar essa realidade durante seis anos, no Curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Brasília – IFB, em que os estudantes pouco ou nada se dispuseram a interagir com o Moodle como suporte do processo de ensino-aprendizagem, optou-se, então, por sugerir a utilização das redes sociais como ambiente virtual de aprendizagem.

A facilidade que os estudantes mostraram na utilização da popular rede social que é o Facebook e a sua utilização frequente no cotidiano por meio de diversas interfaces, inclusive dos telefones móveis com acesso à Internet, dispensou, à primeira vista, qualquer tipo de capacitação sobre a utilização do ambiente virtual na rede social. Sua popularidade em específico favoreceu e consolidou a utilização dos grupos fechados como ambiente virtual de aprendizagem. Sendo assim, diversas atividades encontraram caminhos para postagem de textos acadêmicos, arquivos de áudio, de vídeo, fóruns de discussão, questões abertas, links diversos e imagens.

Ao final de cada semestre, notou-se a grande quantidade de material em forma de dados diversos compilados no ambiente do grupo fechado da rede social. Diversos tipos de informações profundas das interações entre estudantes e professores ficavam gravados e disponíveis para releitura, análises, observações e interpretações afins. Mas de que forma organizar todos esses dados produzidos no ambiente virtual do grupo fechado da rede social a fim de utilizá-los em pesquisas acadêmicas? Essa questão norteou a pesquisa que aqui se apresenta ao longo dos anos de observação citados.

O pesquisador de dança nem sempre encontra facilmente um terreno claro na escolha da metodologia a ser aplicada às pesquisas que envolvem os aspectos oriundos dos processos de composição artística. Por vezes o pesquisador dos processos de composição da cena vê-se demandado a descrever sua metodologia de pesquisa no âmbito dos processos formais de submissão de projetos de pesquisa científica. Contudo, como uma evidência da lacuna que envolve sua formação acadêmica de graduação e por vezes também de pós-graduação, o pesquisador das artes cênicas geralmente encontra dificuldades em descrever processos metodológicos que deem conta de suportar a diversidade subjetiva de seus processos.

A lacuna citada evidencia-se tanto nos Projetos Pedagógicos de Cursos Superiores em Dança e em Artes Cênicas do Brasil, como nos currículos de diversos cursos de Pós-Graduação em Artes Cênicas no país. Nem sempre as disciplinas que se relacionam com a Metodologia de Pesquisa se colocam como fundamentais e/ou obrigatórias durante os referidos cursos que compreendem os programas de estudos. O fato se dá especialmente quando se observam alguns projetos de pesquisa referentes aos processos de composição de obra artística.

Não estamos afirmando aqui que as pesquisas em arte não possuem metodologia, mas sim que elas nem sempre a descrevem de forma clara e apropriada em seus trabalhos.

Assim, é mais do que necessário que projetos de pesquisa com foco nas metodologias de pesquisa em arte tenham lugar na produção de conhecimento específico. Pesquisar as potencialidades do já citado *My Social Book* mostra-se como uma investigação curiosa ao utilizar uma rede social não somente como proliferadora de dados de pesquisa, mas também como material de suporte à análise de dados. Uma vez que o advento das redes sociais é fruto do desenvolvimento tecnológico, cabe abordá-lo brevemente.

O conceito de tecnologia é discutido por Álvaro Vieira Pinto (2005) em diversos aspectos. O autor apresenta quatro acepções diferentes e complementares do conceito de tecnologia. O primeiro, o da tecnologia como logos da técnica, é tratado como o sentido primordial. No segundo, a tecnologia é tratada como sinônimo de técnica e ainda cita uma variação americana, o *know-how*. No terceiro “encontramos o conceito de tecnologia entendido como o conjunto de todas as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade, em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento” (PINTO, 2005, p. 220). No quarto sentido, a tecnologia é abordada como a ideologia da técnica.

A última acepção apresentada por Pinto (2005) dialoga com a produção do conhecimento e as reflexões e estudos de importância capital para a tecnologia. “A tecnologia como epistemologia da técnica” (PINTO, 2005, p. 220) tende a favorecer que o técnico encontre, no estudo de sua técnica, e na ampliação da visão de mundo para além das necessidades práticas de suas técnicas, a integração entre teoria e prática. Ao ser formado

no sentido de encontrar condições de refletir sobre sua prática, o técnico romperia as barreiras da dicotomia entre teoria e prática e ampliaria a sua visão de mundo. Sobre as barreiras entre teoria e prática ainda reinantes na formação do indivíduo, o autor discorre:

O resultado infeliz da situação cifra-se em vermos a teoria ser feita pelos práticos, não chegando sequer a suspeitar que a estejam fazendo, e, de outro lado a prática ser imaginada pelos teóricos, que sobre ela especulam com inteira falta das vivências autênticas dispensáveis à formulação de julgamentos lógicos corretos (PINTO, 2005, p. 222).

Quando os artistas participantes dos projetos práticos de pesquisa em arte se aventuram a produzir conhecimento, escrevendo sobre seus processos, a integração entre teoria e prática pode se dar de forma sublime. Nesse sentido, clarear os processos metodológicos realizados na pesquisa tende a consolidar uma área de conhecimento crescente na atualidade.

Weber (2010), Fortin (2009) e Dantas (2007) apresentam a etnografia e a autoetnografia como método de pesquisa que se mostra eficiente para projetos relacionados à prática do artista da cena, especialmente no intuito de integrar teoria e prática no processo da pesquisa artística e de essencialmente não afastar o dançarino, por exemplo, de sua prática, que muitas vezes é o objeto de suas investigações.

Seguindo com a questão das redes sociais, Alcará, Di Chiara e Tomaél (2005, p. 93) afirmam que “a configuração em rede é peculiar ao ser humano, ele se agrupa com seus semelhantes e vai estabelecendo relações de trabalho, de amizade, enfim, relações de interesse que se desenvolvem e se modificam conforme a sua trajetória”. Pensando nesse viés das redes sociais, onde os indivíduos buscam o compartilhamento e a troca conforme seu interesse, a manutenção de grupos – seja de troca de informações e conhecimento em componentes curriculares, ou para grupos de pesquisa, e/ou ainda grupos de trocas casuais de informação – faz com que o não

deslocamento para uma plataforma específica a fim de trocar informações das unidades curriculares possa propiciar sua participação e sua interação com o grupo de maneira que este possa gerar conhecimento, assim como recebê-lo.

As redes sociais representam, segundo Marteleto (2001, p. 72), “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Pode-se perceber então que, através das redes sociais, há interação autônoma conforme a necessidade e interesse de cada participante, proporcionando diferentes compartilhamentos de informações e conhecimentos. Essa ação nutre os grupos dos quais os participantes fazem parte, mas é importante pensar que:

A rede é uma estrutura não linear descentralizada, flexível, dinâmica, sem limites definidos e auto-organizável, estabelece-se por relações horizontais de cooperação. [...] Com base no seu dinamismo, as redes, dentro do ambiente organizacional, funcionam como espaços para o compartilhamento de informações e do conhecimento. Espaços que podem ser tanto presenciais quanto virtuais, em que as pessoas com os mesmos objetivos trocam experiências, criando bases e gerando informações relevantes para o setor que atuam (ALCARÁ; DI CHIARA; TOMAÉL, 2005, p. 94).

Assim, por meio da plataforma social do *Facebook*<sup>1</sup> e através do grupo específico de pesquisa CEDA-SI – Coletivo de Estudos em Dança, Educação Somática e Improvisação, criado dentro do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília – IFB, no *Campus* Brasília, foi também criado um grupo virtual na rede social a fim de manter a troca de informações, conhecimento e interesses em comum. O grupo foi criado na rede social em agosto de 2012 e até hoje é alimentado por seus participantes. Nesse ambiente, conteúdos sobre as pesquisas presenciais semanais e informações diversas são compartilhadas de maneira virtual com o intuito de promover interações e documentar os processos de pesquisa.

---

<sup>1</sup> Facebook é uma rede social criada no ano de 2004 pelo norte-americano Mark Zuckerberg para compartilhamentos de *status*, fotos/imagens, vídeos e demais *links*, onde há também grupos, páginas específicas de marcas, de artistas e páginas pessoais, em geral trocando informações simultaneamente.

A interação constante ocasiona mudanças estruturais e, em relação às interações em que a troca é a informação, a mudança estrutural que pode ser percebida é a do conhecimento, quanto mais informação trocamos com o ambiente que nos cerca, com os atores da nossa rede, maior será nossa bagagem de conhecimento, maior será nosso estoque de informação. (ALCARÁ; DI CHIARA; TOMAÉL 2005, p. 95).

No ano de 2014 tornou-se popular em divulgações pelo *Facebook* a oferta de um serviço pago denominado *My Social Book*<sup>2</sup>. Este serviço promete em sua publicidade imprimir a pedido do cliente o conteúdo de perfis e/ou grupos escolhidos do *Facebook*: “*My Social Book* coloca a sua vida em um livro”, “uma maneira simples e fácil de salvar as recordações de sua vida”, “arquive suas memórias em um lugar seguro”, “conte sua história”. Em suma, a promessa do *My Social Book* é permitir que o usuário possa editar um livro, não só em termos do que ele quiser escolher em relação ao conteúdo, como em termos das características relacionadas ao *layout* da publicação. O livro, então editado ao gosto do cliente, é impresso e entregue no endereço especificado, variando de valor de acordo com o número de páginas e o material escolhido para a capa.

A despeito de ser um meio possivelmente oneroso para certos tipos de pesquisa, a publicação dos dados selecionados de um grupo fechado utilizado como ambiente virtual de aprendizagem tende a ser um meio para a organização dos dados produzidos durante um processo de composição e criação.

Há algumas questões sobre os dados registrados no *Facebook* que merecem atenção: 1 – os dados na rede não se organizam de maneira cronológica, mas em relação à interação, o que faz com que uma informação postada no período do ano de 2012 possa voltar a estar no topo da página do grupo caso algum integrante a tenha comentado ou apenas curtido; 2 – a maneira de ler as informações ocorre pela barra de rolagem, o que pode ser bastante cansativo e disperso no intuito de procurar os dados; 3 – pode haver anúncios publicitários nos cantos da página, proporcionando um acúmulo de informações

natural da Internet e das redes sociais.

No *My Social Book*, as únicas informações contidas são as publicações dos participantes do grupo virtual, o que o torna um objeto de registro de dados de pesquisa dos processos artísticos de grupos específicos. Nele, os dados são organizados cronologicamente e podem ser consultados a qualquer momento, sem a exaustão da barra de rolagem, objetivando as consultas. Porém, é importante observar que só é possível gerar um livro com conteúdo se houver participantes que entendam a importância do compartilhamento de conteúdos, que mantenham viva a pesquisa e propiciem a investigação e o compartilhamento de informação.

Nesse processo, é de extrema importância considerar o papel de destaque dos participantes e o conhecimento individual que cada um há de inserir no grupo. É através do processo presencial e da criação coletiva que os participantes passam a ter estímulos para sua participação no grupo virtual.

Para compartilhar o conhecimento pessoal, os indivíduos devem confiar em que os outros estejam dispostos a ouvir e a reagir às suas ideias. Os bons relacionamentos possibilitam condições para compartilhamento de *insights* e para a livre discussão das preocupações, permitindo a organização espontânea de pequenas comunidades [...] se as pessoas começam a compartilhar ideias e conseguem perceber a importância desse processo, o próprio compartilhamento cria a cultura da aprendizagem. (ALCARÁ; DI CHIARA; TOMAÉL, 2005, p. 97).

Na busca por proporcionar novos meios e recursos para pesquisas em arte, através dos ambientes digitais e a criação de um roteiro para melhor utilização do referido instrumento, o *My Social Book* surge com o objetivo de proporcionar a geração não somente de um histórico do grupo com informações cotidianas e recados, mas um histórico de conteúdos que podem ser utilizados para nutrir uma pesquisa.

Em um mundo que caminha para um processo de utilização cada vez maior dos recursos virtuais e com acesso às redes, a utilização de um instrumento que surge a partir de uma rede social

2 Ver <http://www.mysocialbook.com/>, acessado em 21/05/2014 às 23h15min.

em uma plataforma digital de informações cria mecanismos para proporcionar a melhor interação e utilização dos grupos virtuais. Além disso, o instrumento em questão pode proporcionar novos caminhos para o ensino-aprendizagem, visto que as redes sociais são uma realidade presente e constante atualmente na vida dos estudantes.

Assim, a criação de regras para a utilização dos grupos pode promover uma organização dos dados publicados, não mantendo uma hierarquia. Porém, pensando em inteligência *enxame*, onde cada indivíduo realiza sua parte pensando no coletivo. Segundo Miller (2007, p. 03), “assim funciona a inteligência de enxame: criaturas simples seguindo regras simples, cada qual atuando com base em informações locais”. Desse modo, a criação de regras simples e objetivas a fim de proporcionar um mecanismo para melhor utilização dos grupos pode ser um facilitador que, além de gerar um livro com informações importantes sobre o processo de composição, pesquisa e criação, pode também manter uma organização do grupo na rede social de maneira a instigar e proporcionar aos participantes a busca por assuntos para além dos que já aparecem em suas redes. Isso ocorre, porque, dentro do ambiente da Internet, há uma tendência de assuntos que são manipulados para estar disponíveis a cada pessoa conforme seu perfil.

Para cada *site* que você visita, existem pelo menos 400 outros que não consegue acessar. Eles existem, estão lá, mas são invisíveis. Estão presos num buraco negro digital maior do que a própria Internet. A cada vez que você interage com um amigo nas redes sociais, vários outros são ignorados e têm as mensagens enterradas num enorme cemitério *online*. E quando você faz uma pesquisa no Google, não recebe os resultados de fato – e sim uma versão maquiada, previamente modificada de acordo com os critérios secretos (GRAVATÁ, 2011, p. 01).

É importante que os participantes se nutram dos assuntos tratados nos encontros presenciais. Assim, cada indivíduo que inicia suas buscas por conteúdos na Internet passa também a aparecer em outras redes e *sites*. A Internet é uma grande rede interligada por seus dados, fazendo com que cada pessoa que a utilize possa obter conteúdos diferentes. De fato, para cada usuário aparecem

conteúdos específicos conforme seu perfil de busca. Nessa perspectiva, o compartilhamento dentro dos grupos pode ser enriquecedor e trazer diferentes informações e experiências na inter-relação dos integrantes.

O compartilhamento da informação e do conhecimento só terá resultados se implicar um processo de aprendizagem, pois o simples acesso sem esse processo não modifica a realidade, perde, portanto o sentido. Assim, é preciso lembrar-se da afirmativa de Dixon (2000), quando ela diz que, se as pessoas começam a compartilhar ideias e conseguem perceber a importância desse processo, o próprio compartilhamento cria a cultura da aprendizagem. (ALCARÁ; DI CHIARA; TOMAÉL, 2005, p. 99).

Com essa afirmativa, é importante compreender que os processos de compartilhamento dentro de grupos virtuais em redes sociais são uma cultura da aprendizagem, que acontece de maneira não hierárquica e não opressiva, mas criativa e de estímulos variados, criando caminhos para o surgimento de um ambiente profícuo no processo de ensino-aprendizagem.

## OBJETIVOS

Investigar o potencial do *My Social Book* como instrumento de coleta e compilação de dados para processos de pesquisa em arte.

### Objetivos específicos

- ◆ Identificar formas eficientes de edição de conteúdo e *layout* para publicação de um *My Social Book* específico;
- ◆ Descrever os tipos de dados mais recorrentes em um *My Social Book* específico;
- ◆ Indicar quantitativo de tipos de dados mais recorrentes em um *My Social Book* específico;
- ◆ Levantar dados relevantes do conteúdo de um *My Social Book* específico;

- ♦ Comparar os tipos de dados de um *My Social Book* específico em relação à forma, conteúdo e relevância;
- ♦ Analisar os dados publicados em um *My Social Book* específico;
- ♦ Sistematizar um processo de utilização do *My Social Book* para a metodologia de pesquisa em arte.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O objeto desta pesquisa, como já descrito, compreende um produto gerado a partir de um grupo fechado de uma rede social como instrumento de coleta e compilação de dados para a pesquisa em artes. Dessa forma, foi gerada a publicação informal de um *My Social Book* a partir de um grupo de pesquisa de processos composicionais em dança que, durante o período de agosto de 2012 a junho de 2014, utilizou a rede social *Facebook* como ambiente virtual de aprendizagem.

A pesquisa classifica-se, de acordo com os seus objetivos, em exploratória e descritiva, considerando que há pouco conhecimento sistematizado sobre o tema, o qual merece uma exploração mais específica, e também porque se propõe a expor detalhadamente os fenômenos relacionados ao uso do *My Social Book*. Quanto aos procedimentos de coleta, a pesquisa apresenta natureza de levantamento de dados relevantes e pesquisa bibliográfica. Foi realizada abordagem qualitativa dos dados selecionados. Contudo, a utilização da abordagem quantitativa também teve lugar no sentido de quantificar tipos de dados recorrentes no *My Social Book* em relação ao contexto estudado.

A forma de interpretação dos dados obtidos foi realizada pelo procedimento de análise de conteúdo, técnica embasada principalmente nas informações apoiadas na comunicação. Segundo Franco (2005, p. 19), as características definidoras da análise de conteúdo residem em conhecer a fonte, o processo de codificação, a mensagem, o processo de decodificação e o receptor, ou seja, quem fala, por que fala, o que fala, com que efeito e para quem. Tal método condiz com o aspecto social do *Facebook*, considerando que todos os participantes do ambiente virtual do grupo selecionado comunicam-se proficuamente.

Como forma de experimentação, também foi criado um grupo fechado no *Facebook* onde foram discutidos todos os aspectos trabalhados durante esta pesquisa, em um diálogo entre os participantes.

Ao longo da pesquisa, foram levantadas, quantificadas e categorizadas todas as postagens registradas durante o período selecionado de dois anos. A partir do levantamento dos dados e a separação em uma longa tabela, surgiram as referidas categorias de publicação por ordem de relevância, em que A é a mais relevante e E a menos relevante:

**A** – Postagens que considerem síntese do trabalho do dia, ou da semana, ou do mês; reflexões acerca do processo (comentários reflexivos); referências sobre o tema do processo em discussão; comentários sobre postagens que tenham algumas das características acima. Fotos do processo;

**B** – Orientações gerais e específicas relacionadas com a linha de pesquisa; informações sobre editais e captação de recursos;

**C** – Divulgação e demais informações relacionadas com a linha de pesquisa;

**D** – Comentário sem sentindo reflexivo. *Link* sobre referência, mas sem apresentação;

**E** – Divulgação não relacionada com a linha de pesquisa. Recados e demais comentários não relacionados com a pesquisa e prática. *Link* sem apresentação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da pesquisa do *My Social Book*, podemos constatar diferentes e importantes dados para criar um compilado de regras para postagem no grupo virtual de maneira a transformar a impressão do livro em um relevante material de referencial e de relatos em processos composicionais e criativos em arte. Com a análise de dados, conseguimos constatar informações quantitativas e qualitativas que trazem consigo importantes revelações sobre como é a ação do grupo e suas características de postagens, constituindo-se esses dados como facilitadores para a criação de um procedimento

sobre a utilização do *Facebook* com o objetivo de compilar dados de pesquisa e coletá-los para análise.

De início, é importante ressaltar que com o advento das novas tecnologias e da utilização das redes sociais como instrumento de compartilhamentos coletivos, estes passaram a proporcionar autonomia para as pessoas em seu fazer e criar, de maneira que essa autonomia também está associada a uma liberdade em que cada um pode postar o que bem entender como relevante e importante. O usuário pode também se reunir em grupos com pessoas que têm por critério inicial o fazer e pesquisar artístico com interesses correlacionados.

Sobre o caráter de liberdade no ambiente virtual, Shirky (2012, p. 105) afirma que “a liberdade que impele a amadorização em massa remove os obstáculos tecnológicos à participação. Uma vez que hoje todos têm as ferramentas para contribuir da mesma maneira, seria de se esperar um enorme aumento na igualdade da participação”. Assim aconteceu com o grupo CEDA-SI no *Facebook*, onde todos, de maneira igualitária, tinham a oportunidade de contribuir com seus compartilhamentos, ideias e anotações diárias sobre os processos artísticos vivenciados presencialmente.

Ao observar a quantidade de postagens realizadas ao longo do período de dois anos, constatamos que não houve demasiadamente uma quantidade exorbitante de postagens, visto que, dentro das redes sociais, o compartilhamento de informações desnecessárias é uma realidade constante. Porém, dentro do referido grupo, podemos observar no Gráfico 01 que as postagens não passam da quantidade máxima de 160 postagens por semestre. Pensando em uma divisão mensal dessa quantidade no período de dois meses, teríamos um montante de 26,6 postagens por mês. Além disso, dividindo-se igualmente pelos números de dias em um mês com 30 dias, a quantidade seria ainda menor, não chegando a 1 postagem por dia. Assim, os compartilhamentos com o grupo não caíram na realidade das redes sociais de um número prolixo de postagens, onde o grau de relevância delas varia conforme a quantidade de informações irrelevantes que também são postadas, mas obedecem ao critério mínimo de relevância e necessidade de postar uma informação que vá acrescentar ou modificar o grupo, mesmo com

seus recados, ou informações sem referencial, como, por exemplo, *links*, fotos e vídeos.

No grupo virtual, esse tipo de dado é acessível, pois basta um clique e é possível acessar diretamente o conteúdo da postagem. Já no *My Social Book*, informações sem referencial ou apresentações são apenas informações sem utilização que passam a compor a categoria de informações sem relevância, mesmo que no conteúdo do *link* postado esteja uma informação voltada para a pesquisa. Sem a devida apresentação comentada pelo autor da publicação, a informação perde relevância no momento de criação do livro.

Ao classificar a relevância das informações postadas no grupo, foi possível detectar a quantidade de compartilhamentos e o que cada um deles poderia acrescentar na perspectiva da pesquisa. Nesse ambiente em que cada vez mais as rápidas mudanças tecnológicas possibilitam que os usuários possam acessar as redes sociais de qualquer lugar com acesso à Internet, vale ressaltar que:

Muitas das mudanças significativas se baseiam não nos lançamentos mais recentes e sofisticados da tecnologia, mas em ferramentas simples e fáceis de usar, como o *e-mail*, os celulares e os *sites* de Internet, porque essas são ferramentas a que a maior parte das pessoas tem acesso, e, sobretudo, que podem ser usadas na vida cotidiana sem dificuldade. A revolução não acontece quando a sociedade adota novas tecnologias – acontece quando a sociedade adota novos comportamentos (SHIRKY, 2012, p. 137).

Sobre essa perspectiva, é preciso adotar novos comportamentos para utilização do grupo no *Facebook*. Se pensarmos na criação do livro *My Social Book*, a utilização de novos hábitos precisa se tornar uma máxima não somente sobre o compartilhamento na rede social, mas sobre a cooperação. Para a criação de um livro que obtenha relevância em seu conteúdo e não seja somente um armazenador de dados, é necessário criar um procedimento efetivo de publicação *online* nos referidos grupos, pois, conforme podemos observar no Gráfico 02, a maior quantidade de postagens realizadas são informações sem grande relevância (categoria E), em que o compartilhamento de recados cotidianos, como avisos de ausência aos ensaios artísticos e *links* sem descrição ou apresentação,

mostram-se como informações que nada acrescentam à pesquisa e ao processo criativo.

Ao analisarmos o Gráfico 02, podemos perceber que são necessárias novas maneiras de interação com o grupo. Contudo, precisamos analisar os diferentes contextos no qual ele pode se inserir. No caso, o grupo analisado e escolhido se insere em um processo acadêmico de pesquisa em seu ambiente presencial e respeitando uma hierarquia. Nesse contexto é importante observar que:

Grupos de pessoas são complexos, de maneira que dificultam sua formação e manutenção: a forma das instituições tradicionais é em grande parte uma resposta a essas dificuldades. Novas ferramentas sociais amenizam alguns desses problemas, permitindo novos tipos de criação de grupos, como o uso do simples compartilhamento para ancorar o surgimento de novos grupos (SHIRKY, 2008, p. 26).

Eis que dentro do grupo virtual a perspectiva é outra, pois a produção passa a ser de cooperação. Se pensarmos nesse sentido, o papel de cada integrante é essencial, pois somente o compartilhamento de suas experiências e perspectivas trarão novos e únicos posicionamentos. A categoria de maior importância identificada nesta pesquisa, onde estão contidas informações com referências e reflexões, contém perspectivas diferentes sobre uma mesma prática, confirmando sua relevância para o pensamento artístico no grupo.

A criação do livro sem a realização de uma seleção dos dados que seriam impressos nele proporcionou uma análise completa das postagens realizadas no período de dois anos (2012 a 2014). O processo de análise dos dados incluiu a realização de um levantamento quantitativo de *posts* e a categorização deles. Além disso, a realidade de sermos integrantes e participantes ativos no grupo virtual proporcionou também uma autoanálise no momento de valorar e classificar as informações dentro das categorias criadas. Houve uma percepção e entendimento sobre a relevância dos dados postados no grupo e na forma como estes podem afetar na realização de um livro de referências e pesquisas.

Vistos todos os dados quantitativos em nosso levantamento durante o período de

dois anos, notoriamente percebemos uma grande quantidade de postagens informativas, com informações classificadas como recados. Com o grau de relevância mínima, notamos que os participantes utilizavam o grupo para comunicação rápida e objetiva, mas que, com a criação de um grupo em outra rede social, chamada *Whatsapp*<sup>3</sup>, parte dessas informações deixaram de ser postadas no grupo do *Facebook* e passaram a compor então esta outra rede social, que tem um caráter mais objetivo nas informações, assim como as informações cômicas descontextualizadas e de divertimento, ficando o grupo exclusivamente para postagens com informações referentes à pesquisa ou informações de direcionamentos às atividades que realizariam em seu calendário.

Coordenação, organização e até comunicação são coisas difíceis em grupos e tornam-se mais difíceis à medida que eles crescem. Essa dificuldade significa que todo e qualquer método que ajude a coordenar a ação de grupos se difundirá, por mais ineficiente que seja, contanto que seja melhor que nada (SHIRKY, 2012, p. 43).

Assim, o grupo já passou por uma mudança em sua maneira de compartilhar informações, mas é preciso pensar amplamente na perspectiva de que, para a criação coletiva conforme é o livro do *My Social Book*, a cooperação deve ser o guia inicial para criar novas maneiras de postagens e interação no grupo.

Cooperar é o degrau seguinte na escada. Cooperar é mais difícil que simplesmente compartilhar, porque exige que você mude seu comportamento para sincronizar-se com outras pessoas que estão mudando o delas para sincronizarem-se com você. Enquanto no compartilhamento o grupo é basicamente um agregado de participantes, a cooperação gera identidade de grupo – você sabe com quem esta cooperando (SHIRKY, 2012, p. 46).

Nesse sentido, é preciso criar de fato novas maneiras de interação dentro dos grupos, para que não se produza tanta informação sem qualidade relevante para uma pesquisa e para que a impressão do livro seja um fator que auxilie no momento de buscar referenciais,

---

3 *WhatsApp* é uma rede social criada para celulares para troca de mensagens.



visto que o manusear deste é mais objetivo em sua organização periódica, proporcionando ao pesquisador facilidade no acesso à informação. Porém, se no grupo virtual novos hábitos não forem adotados, o livro acaba se tornando apenas um acumulador de informações desorganizadas e por vezes irrelevantes para possíveis pesquisas.

Ao analisarmos o Gráfico 03, podemos observar que, ao longo dos semestres, as informações mais presentes são também da categoria E (informações cotidianas, recados, *links* sem referência ou apresentação). Esta categoria contém a maior quantidade de *posts* realizados ao longo de dois anos. Porém, podemos também observar que a categoria A e B, que são categorias de maior relevância por conterem informações caras à pesquisa artística em processo, como referenciais teóricos, instruções sobre a pesquisa, fotos e vídeos do processo, estiveram presentes de forma constante ao longo de dois anos, não deixando em nenhum mês de haver postagens do tipo.

No primeiro semestre de 2014, esta passa a ser ainda mais recorrente nas postagens, aumentando sua quantidade, visto que a utilização de novas redes para compartilhamento se fizeram presentes, podendo então transformar o grupo do *Facebook* em um importante instrumento de pesquisa em arte. Esta modificação no comportamento dos participantes se dá por utilização de outras redes sociais, mas é importante entender que dentro da personalidade do grupo há um viés cômico e piadas também são parte importante do compartilhamento do processo, já que estes buscam, pela extroversão, compartilhar sua subjetividade.

Pensar na criação de uma nova maneira para realizar postagens no grupo do *Facebook* requer levar em conta uma produção colaborativa.

A produção colaborativa é uma forma mais dedicada de cooperação, pois aumenta a tensão entre os objetivos do indivíduo e do grupo. O princípio da produção colaborativa é simples: ninguém pode receber crédito individual pelo que é criado, e o projeto não pode surgir sem a participação de muitos. Estruturalmente, a maior diferença entre o compartilhamento de informação e produção colaborativa é que nesta última pelo menos algumas decisões coletivas têm de ser tomadas [...] A produção colaborativa pode ser valiosa, mas é de obtenção mais difícil que o compartilhamento, porque tudo que precisa

ser objeto de negociação, como um artigo da Wikipédia, demanda mais energia que coisas que podem ser simplesmente adicionadas, como um grupo de fotos (SHIRKY, 2012, p. 47).

Assim, a criação de regras para postagens no grupo requer verificar com todos do grupo a aceitação dessas normas para que todos continuem a postar de maneira a contribuir com o enriquecimento da pesquisa e das informações compartilhadas. O objetivo é que todos sejam criadores do livro de referências do processo, transformando o grupo não somente em um território para informações variadas do cotidiano, mas em um que contenha reflexões, referenciais teóricos, imagéticos e informações com apresentação, para que, no momento de armazenamento no livro, nenhuma postagem se perca por falta de informação suficiente na postagem.

## CONCLUSÕES

Ao considerar uma rede social de bastante popularidade entre jovens para o compartilhamento de informações acerca dos processos artísticos vivenciados dentro de um grupo de pesquisa em dança, esta pesquisa encontrou e confirmou a necessidade da organização de procedimentos para a publicação de postagens no *Facebook*. Quando da impressão das postagens no instrumento *My Social Book*, a análise dos dados compilados revelou uma organização ímpar das informações individuais e coletivas.

Mesmo considerando que pesquisas práticas em dança e outras artes cênicas considerem imagens em movimento, como vídeos, por exemplo, e que estes não são impressos em livro, pois são mídia de outra categoria, durante esta pesquisa observamos que o livro e o grupo virtual se retroalimentam durante a coleta de dados e constituem-se em instrumentos bastante efetivos nesse sentido.

Ainda, com a criação dos procedimentos de postagens seguidos pelos membros do grupo, a tendência de apagamento da fonte em relação às postagens diminuiu bastante, chegando quase a desaparecer. No geral, o grupo manteve-se muito mais atento e organizado após a divulgação e teste dos procedimentos solicitados para a publicação, o que modificou consideravelmente os quadros apresentados.

O procedimento de postagens no *Facebook* visando à publicação de um *My Social Book* para a coleta de dados de categorias relevantes segue abaixo:

## Regras para publicação no grupo<sup>4</sup>:

#Básica: toda publicação, independentemente de sua classificação, deve vir com uma introdução ao assunto abordado na postagem; preferencialmente com as referências (caso o conteúdo da postagem não seja de criação própria);

#Post: sempre introduzir a postagem com uma introdução do assunto que será tratado. Caso este seja sobre as tarefas designadas nos ensaios, referir-se à data a que ela foi designada. Indicar as referências caso o texto não seja de sua autoria e caso você utilize outras referências. Evitar postagem de recados e informações desconectadas com o processo;

#Imagens: sempre que postar imagens, explique o conteúdo e a motivação de postá-la, assim como sua fonte, mesmo que seja foto ou ensaio, ou registro do processo. Neste caso, colocar a que dia se refere;

#Vídeos: nos vídeos postados, colocar sempre uma introdução, relatando do que se trata e indicando a fonte. Caso o vídeo seja do processo ou do ensaio, coloque a que dia se refere, assim como a introdução;

#Links: sempre iniciar a postagem com uma introdução do assunto a que se refere o *link*, quais ligações têm com nossa pesquisa (caso tenha relação) e o que encontraremos nele;

#Outros: iniciar a postagem com uma introdução do assunto e utilizar as regras anteriores para postar.

## REFERÊNCIAS

ALCARÁ, A. R.; DI CHIARA, I. G.; TOMAÉL, M. I. Das Redes Sociais à Inovação, **Ci. Inf. Brasília**, v. 34, n. 2, p. 93-104, maio/ago. 2005.

DANTAS, M. A pesquisa em dança não deve afastar o pesquisador da experiência da dança: reflexões sobre escolhas metodológicas no âmbito

da pesquisa em dança. **Revista da Fundarte**, n. 13/14, p. 13-18, jan./dez., 2007.

FORTIN, S. Contribuições possíveis da etnografia e da autoetnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, n. 7, p. 77-88, 2009..

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livros, 2005.

GRAVATÁ, A. O que a Internet esconde de você. **Revista Superinteressante**. Edição 297, novembro de 2011. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/tecnologia/internet-esconde-voce-647363.shtml>>. Acesso em: 15 maio 2016.

MARTELETO, R. M. Análise de Redes Sociais: aplicação nos estudos de transferência de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abril 2001.

MILLER, P. Inteligência coletiva: teoria dos enxames: formigas, abelhas e aves nos ensinam a lidar com a complexidade do mundo. **Revista National Geographic**. Edição 88, julho de 2007. Disponível em: <[http://viajeaqui.abril.com.br/materias/teoria-dos-enxames?utm\\_source=redesabril\\_viagem&utm\\_medium=facebook&utm\\_campaign=redesabril\\_ngrasil](http://viajeaqui.abril.com.br/materias/teoria-dos-enxames?utm_source=redesabril_viagem&utm_medium=facebook&utm_campaign=redesabril_ngrasil)>. Acesso em: 15 maio 2016.

PINTO, A. V. **O Conceito de Tecnologia**. Volume 01. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo**: o poder de organizar sem organizações. Tradução: Maria Luiza X. A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SILVEIRA, S. A. Ciberativismo: cultura *hacker* e o individualismo, **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p. 28-39, jun./ago. 2010.

WEBER, S. Metodologia de inspiração etnográfica em pesquisas de práticas corporais artísticas. **Anais do VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas**. 2010.

---

Recebido em: 23/05/2016

Aceito em: 12/09/2016

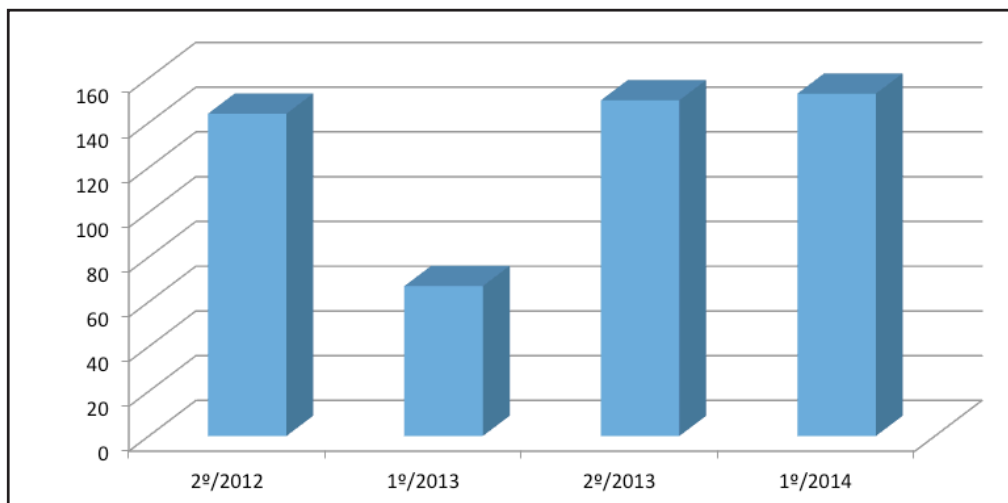
---

4 Publicado no grupo do novo processo artístico do grupo em fevereiro de 2015, no intuito de colocar à prova os procedimentos gerados a partir desta pesquisa PIBIT.

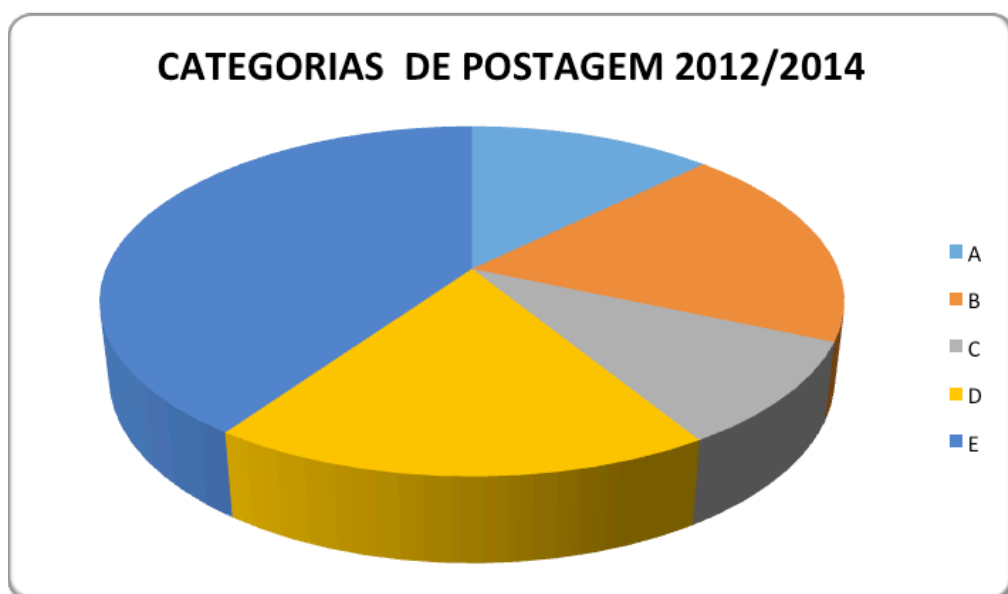
## AGRADECIMENTOS

Ao IFB, pelo financiamento da pesquisa através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Tecnológica (PIBIT) – IFB/CNPq, edital N°: 30/2014 RIFB/PRPI.

**Gráfico 1** – Quantitativo semestral de postagens realizadas no grupo



**Gráfico 02** – Quantidade de postagens por categoria



**Gráfico 03** – Quantidade de postagem por categoria ao longo dos semestres

